

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 1.545

Sábado, 8 de Dezembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE — 5339-8
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

POSIÇÕES DEFINIDAS

O sr. Amâncio de Alpoim retorquendo à apreciação por nós feita à última conferência regional socialista, confessa simpatisar com o sindicalismo. Há, evidentemente, na sua simpatia, restrições. E' como socialista, como socialista reformista, que a sua simpatia se manifesta. Da simpatia à concordância vai certamente uma grande diferença. Simpatizar com determinada coisa não implica lutar por ela ou mesmo apoá-la. Na sua carta, é até onde a concordância lhe permite suficientemente clara não o sendo nalguns pontos onde a discordância podia surgir.

O sindicato que realize a assistência ao doente e ao desempregado, defendendo a mulher na gravidez e a criança na adolescência faz evidentemente obra mutualista e não obra sindicalista. E' esse o sindicato que o dr. sr. Amâncio de Alpoim defende e que os socialistas em tempos idos defenderam e tutelaram. O sindicato de hoje integrado nas modernas aspirações revolucionárias tem funções activas e energéticas; sendo o poder defensivo do operário também procurar sempre que o momento o exija ser o seu poder ofensivo. Como organismo de defesa e combate à burguesia e ao Estado a sua constituição deve proporcionar-lhe e não embarrar-lhe as suas funções.

O sindicato que mais apto se encontra à resistência ou ao combate à classe burguesa é aquele que melhor adstre os seus sindicatos na luta de classes e na consciência, solidariedade, e energia dos sindicados reconheça a sua força principal. Dentro do sindicato deve existir a solidariedade revolucionária, a preparação para a luta e não o subsídio para parteiras, o xarope gratuito para os constipados ou para os escrupulosos, a sopa de feijão para o sem dinheiro e sem trabalho. Con-

fundir o mutualismo com sindicalismo ligar a função revolucionária desse último com a função hospitalar, maternal, cosinha económica do primeiro, é ser simpaticante, mas ver as coisas por uma maneira decerto diferente da que possui o militante sindicalista. No sindicato, vago e enciclopédico do dr. sr. Amâncio de Alpoim, sindicato que atemoriza o patrício e ao mesmo tempo mata jejuins e torna fácil o nascimento de meninos todos podem estar de acordo desde que sejam pessoas de bom coração e consideram a luta de classes como um objectivo secundário. Além de vago e enciclopédico esse sindicato é impossível porque duas funções diferentes não cabem no mesmo órgão.

Exemplificando: se o órgão crie a função e a função é revolucionária, como pode o órgão ser mutualista? Há um pseudo sindicalismo que tem parcerias com o mutualismo e há um sindicalismo revolucionário que lhe é antagónico. A coexistência das duas coisas nunca, até hoje — reportam-nos à vida social — existiu, sendo apenas um produto do bom humor do dr. sr. Amâncio de Alpoim.

** *

Não há entre nós quem entenda necessário cultivar a dor e o sofrimento das classes trabalhadoras passeando-as entre a cadeia e a morte... Essas funções pertencem aos nossos inimigos, aos inimigos das classes trabalhadoras; aos juízes, aos polícias, à guarda republicana, à força armada. Isso mesmo deve saber o dr. sr. Amâncio de Alpoim. Assim como sobre os pontos de divergência que existem entre os seus e os nossos pensamentos e ações. Esse conhecimento tem o mérito de poupar uma discussão tornada inútil pelas definidas posições que ocupam na vida social o Partido Socialista e a C. G. T.

NOTAS & COMENTÁRIOS

O ódio de Leon Daudet

acolitado por Poincaré, pela magistratura e pela polícia é impotente para deturpar a verdade

PARIS, 5. — Leon Daudet, aprovado-se do seu aliado Poincaré, depois de ter reconhecido como médico e como polícia, o suicídio de seu filho Filipe Daudet, depois de ter recebido publicamente as condolências do presidente do conselho e do presidente da Câmara, lança agora a fága monstruosa dum assassinato. Leon Daudet exasperou-se por ver publicado no "Libertaire" uma carta de seu filho, por vêr seu filho desprezado as suas ideias adaptando os anarquistas. O político odioso venceu o pai, venceu tóda a porção de nobre sentimento e de profunda dignidade que pode tornar um homem respeitável considerado. Pretende servir-se do cadáver de seu pobre e malogrado filho comoarma política para perseguir os seus adversários, os anarquistas, arrastando-os aos tribunais sob a fantasia e ultrajante acusação de assassinos. A magistratura e a polícia — não se esqueçam de que governa Poincaré — colocam-se à disposição do ódio venal de Daudet e ordenam e executam buscas em casa dos anarquistas cuja atitude forma um contraste vigoroso e nobilitante por ser humana e correctissima.

É certo que os elementos mais activos não reúnem na Garde ou no foyer de São Carlos ou em recintos de reincidente luxo, ou requintado prazer, mas daí a considerar, embora metafóricamente, cavernas às salas da C. G. T. vai uma grande diferença. A ação do proletariado resumida à explosão dum bomba também nos parece exagero deprecitivo. Só assim à bomba... Dir-se-á que conhece o proletariado de ouvido...

As buscas domiciliárias — Os manejos dos "camelots"

Foram em obediência às ordens de Daudet, passadas buscas nas casas de Georges Vital, André Colomer, Georges Meunier e Lecoin respectivamente administrador, secretário de redacção e redator da "Libertaire". Nas casas de Meunier e Lecoin não foi preceido. Na de Colomer a polícia desconfiou-se sobre alguns papéis sem importância. Charles de Revray tam-

bém recebeu a visita dum comissário de polícia. A tentativa de Daudet está destinada a um tumultuante fiasco que irá causar nessa cidade um aceso de riso justo que o ridicularizará. Apesar do evidente incesso da ardilosa chantage política de Leon Daudet a polícia presta-se servilmente ao ingrato e odioso papel que lhe foi distribuído.

O juiz de instrução Barnoud foi procurado pelo cunhado de Daudet, Jacques Allard, secretário da redacção da "Action Française" que lhe fez entrega de vários documentos referentes ao caso, mas cujo conteúdo é ignorado. Um pouco mais tarde apareceu-lhe outro visitante, Maxime Real do Sarte, secretário geral dos "Camelots du Roi" que se fazia acompanhar por alguns camelots.

A visita círou-se na apresentação dum pobre imbecil muito fanatizado e ridículo que "via" fazer declarações importantes. "As declarações importantes" foram conservadas até agora no mais misterioso dos segredos.

A polícia val, no desempenho da odiosa e ridícula comédia que Daudet lhe distribuiu, passar novas buscas aos domicílios de anarquistas.

Já está averiguado onde Filipe Daudet passou, empregou o espaço de tempo que vai do seu abandono da casa paterna à sua aparição na redacção do "Libertaire". O malogrado Filipe Daudet esteve no Havre, no hotel Beuvre durante os dias 20 e 21 de Novembro, onde deu o nome de Pedro Bouchonet, electricista. Nesse hotel Filipe Daudet deixou alguns papéis escritos pelo seu próprio punho. Vão ser examinados levantando-se assim tódas as dúvidas que possam subsistir.

DUBOIS

As dividas dos países europeus — Mensagem do presidente americano

PARIS, 7. — O "Journal des Debats" chama a atenção para a mensagem lida pelo Presidente Coolidge ao Congresso americano, na parte que se refere às dividas dos países europeus, especialmente para as palavras: — assim assumir o papel do criador feroz, o Governo americano julga dever sustentar o princípio de que as obrigações financeiras entre as nações, assim como as obrigações morais, devem ser cumpridas porque assim o exigem a honra e boa fé internacionais. Comentando estas palavras, o "Journal des Debats" diz que a França está resolvida a pagar as suas dividas, mas, em virtude das razões apresentadas por Coolidge, quer ser paga também. De resto, a parte final da mensagem indica a concordância dos dois países sobre este ponto essencial, visto o Presidente Coolidge ter dito que a França deve ser reembolsada e Alemanha deve reviver.

Férias do Natal

As férias do Natal nos estabelecimentos de ensino dependentes do ministério da Educação, incluindo as escolas móveis, começam no dia 23 de dezembro e terminam a 6 de Janeiro.

Esta festa, inspirada por um elevado espírito de solidariedade, constituirá uma eloquente homenagem da classe operária do Sul e Sueste ao Brasil.

Este é o trecho a propósito dessa homenagem: — Um grupo de ferroviários secundaria, pela Comissão Administrativa do Sindicato, vai levar a efeito na Casa dos Ferroviários uma festa de homenagem ao porto-voz da organização operária "A Batalha".

Esta festa, inspirada por um elevado espírito de solidariedade, constituirá uma eloquente homenagem da classe operária do Sul e Sueste ao Brasil.

As férias do Natal nos estabelecimentos de ensino dependentes do ministério da Educação, incluindo as escolas móveis, começam no dia 23 de dezembro e terminam a 6 de Janeiro.

O "pessoal-amarelo" do "Correio da Manhã"

Como se alugam tipógrafos "económicos"

Não será necessário pormenorizar porque o quadro gráfico do "Correio da Manhã" está em litigio com a empresa. E' muito simples. Todos os gráficos apresentaram ás suas respectivas empresas uma reclamação de aumento de salário, dando um prazo para uma resposta satisfatória.

Quasi todas as empresas atenderam essa reclamação. As que faltam estão em negociações. Ali fechou-se a questão em manobra irreversível, forçando o pessoal a tomar a digna altitude em que se encontra.

Agora o órgão dos coleópteros do rei entende que o pessoal em greve por melhoria de situação, não tem direito de considerar-se constituído, porque o seu quadro-amarelo é o que ali trabalha actualmente e "não tem exigências superiores áquelas que os recursos da empresa podem" e com qual se dá perfeitamente sem que entre as duas partes — amarelos e empresa — tenham de ser escravos de entidades alheias.

A espécie zoológica de que o dr. Alfredo Pimentel fez apologia crescerá e multiplicará sevandijas como os que estão a soldo do "Correio da Manhã".

Vamos explicar rapidamente como se alugaram tipógrafos "económicos", que constituem o "quadro-amarelo" do jornal que "combate a tirania do sindicalismo revolucionário".

O chefe é um tal José Duarte Costa, ex-chefe da polícia S. E., no período dezembrista, engajador de amarelos para as oficinas onde se declaram greves, como A C C e Gazeta dos Caminhos de Ferro. Nunca foi tipógrafo. Exerce ali as funções de redactor.

O paginador — Eugénio Viana — toda a classe o conhece pelos seus feitos. Sabe-se quando da greve no jornal "Restauração". Foi sempre assim. E' actualmente encarregado de tipografia Gráfica Limitada.

O pessoal, esse é importante, porque os da "crucifixa libertadora da exploração livre" em nome da causa dos coleópteros do rei, escravizam quatro garotos, trabalhando dois deles das 10 horas da manhã ás 6 da madrugada.

Dois foram da "Vanguarda": Octávio da Piedade, e um tal Reis.

Foi chamado também o tipógrafo do Centro Colonial, César Ramalho, que ali trabalhou, declarando ignorar o conflito, pelo que se comprometeu a não voltar ao seu lugar.

A esposa desse indivíduo, como ele não pude ir a casa foi levado-lhe o almoço, mas quando regressava a casa, foi atropelada por um automóvel.

Os defensores da "exploração livre" do trabalho diriam logo que o desrrebe obedeceu a um castigo da província, se fosse na parte contrária.

Se Deus não estivesse em toda a parte...

POR ESSE MUNDO FORA

CHINA

Intervenção armada

HONG-KONG, 7. — Tendo Sun-Yat-Sen pretendido apoderar-se do rendimento das alfândegas de Canto, desembocaram ai os marinheiros com metralhadoras que se apoderaram do edifício das alfândegas. Sun-Yat-Sen tinha previamente conferenciado com os almirantes que se ignorante não pode ser livre nem independente na sua esfera de ação social, se antes se não fez independente, se não obtive meios de vida própria.

O homem rico e ignorante só pode ser o verdadeiro ávaro e estúpido ou a vítima e joguete dos seus semelhantes. O homem livre que seja obrigado a vender a sua independência por um pedagão de pão para aplacar as duras necessidades do seu estôrro, não passa de um soberano em caricatura escarnecido pela sociedade presente. O homem instruído, livre e independente é o ser humano perfeito, dono de si próprio e da natureza que o criou.

Todos os tiranos da terra puzeram obstáculos em todos os séculos, à instrução, afim de que a elas podessem chegar o menor número de homens e éstes ainda dos mais ricos e privilegiados, os outros sumidos na sua rude ignorância e na pobreza, expostos assim de corpo e alma à exploração e à escravidão, ficaram mais humildes e sujeitos.

Os tiranos da igreja fazem-se ricos,

enaltendo eobreza, apresentando-nos a toda a hora e em todos os terrenos o seu divino mestre como o primeiro pobre, recomendando aos cristãos a humildade neste mundo, como merecimento para alcançarem o outro prometido, a onde os hipócritas não esperam ir sem dúvida.

Os tiranos da espada, sempre soberbos e ociosos, impõem a seus servos a obrigação de trabalharem e morrerem de fome, aferindo por eles e para eles, com submissão e respeito.

O homem pobre e ignorante, servido e envilecido trabalhava e sofria nesta vida com a esperança de recompensa

de que a elas podessem chegar o menor número de homens e éstes ainda dos mais ricos e privilegiados, os outros sumidos na sua rude ignorância e na pobreza, expostos assim de corpo e alma à exploração e à escravidão, ficaram mais humildes e sujeitos.

Os tiranos da igreja fazem-se ricos,

enaltendo eobreza, apresentando-nos a toda a hora e em todos os terrenos o seu divino mestre como o primeiro pobre, recomendando aos cristãos a humildade neste mundo, como merecimento para alcançarem o outro prometido, a onde os hipócritas não esperam ir sem dúvida.

Os tiranos da espada, sempre soberbos e ociosos, impõem a seus servos a obrigação de trabalharem e morrerem de fome, aferindo por eles e para eles, com submissão e respeito.

O homem pobre e ignorante, servido e envilecido trabalhava e sofria nesta vida com a esperança de recompensa

de que a elas podessem chegar o menor número de homens e éstes ainda dos mais ricos e privilegiados, os outros sumidos na sua rude ignorância e na pobreza, expostos assim de corpo e alma à exploração e à escravidão, ficaram mais humildes e sujeitos.

Os tiranos da igreja fazem-se ricos,

enaltendo eobreza, apresentando-nos a toda a hora e em todos os terrenos o seu divino mestre como o primeiro pobre, recomendando aos cristãos a humildade neste mundo, como merecimento para alcançarem o outro prometido, a onde os hipócritas não esperam ir sem dúvida.

Os tiranos da espada, sempre soberbos e ociosos, impõem a seus servos a obrigação de trabalharem e morrerem de fome, aferindo por eles e para eles, com submissão e respeito.

O homem pobre e ignorante, servido e envilecido trabalhava e sofria nesta vida com a esperança de recompensa

de que a elas podessem chegar o menor número de homens e éstes ainda dos mais ricos e privilegiados, os outros sumidos na sua rude ignorância e na pobreza, expostos assim de corpo e alma à exploração e à escravidão, ficaram mais humildes e sujeitos.

Os tiranos da igreja fazem-se ricos,

enaltendo eobreza, apresentando-nos a toda a hora e em todos os terrenos o seu divino mestre como o primeiro pobre, recomendando aos cristãos a humildade neste mundo, como merecimento para alcançarem o outro prometido, a onde os hipócritas não esperam ir sem dúvida.

Os tiranos da igreja fazem-se ricos,

enaltendo eobreza, apresentando-nos a toda a hora e em todos os terrenos o seu divino mestre como o primeiro pobre, recomendando aos cristãos a humildade neste mundo, como merecimento para alcançarem o outro prometido, a onde os hipócritas não esperam ir sem dúvida.

Os tiranos da igreja fazem-se ricos,

enaltendo eobreza, apresentando-nos a toda a hora e em todos os terrenos o seu divino mestre como o primeiro pobre, recomendando aos cristãos a humildade neste mundo, como merecimento para alcançarem o outro prometido, a onde os hipócritas não esperam ir sem dúvida.

Os tiranos da igreja fazem-se ricos,

enaltendo eobreza, apresentando-nos a toda a hora e em todos os terrenos o seu divino mestre como o primeiro pobre, recomendando aos cristãos a humildade neste mundo, como merecimento para alcançarem o outro prometido, a onde os hipócritas não esperam ir sem dúvida.

Os tiranos da igreja fazem-se ricos,

enaltendo eobreza, apresentando-nos a toda a hora e em todos os terrenos o seu divino mestre como o primeiro pobre, recomend

CRÓNICA DO PORTO

O monopólio dos fósforos

E' mais fácil adquirir-se a lanterna de Diógenes, do que encontrar-se uma caixa de 'lumes'

PORTO, 6. — Parece-nos que não há mais indolente do que nosso, Dida piada da brandura dos nossos costumes... daí o facto da esfera do alargar-se imitadamente...

Para qualquer lado que nos voltemos, encontramos qualquer empresa monopolizadora, que nos exige a bolsa ou a vida.

levantado a nossa voz contra tóda a espécie de violenta extorsão. Mas, por mal dos nossos pecados, revolucionários, não temos sido muito ouvidos nos protestos que temos elaborado.

Quere dizer: o povo, que sofre, comprende-nos, mas em lugar de pôr em prática uma ação energica que arrebatasse a quadrilha de piratas para bem longe, limita-se a rumorejar queixumes diantes, que mais nos causa tristeza do que revolta...

E' um povo pigas, choramingão, quase castrado... Por isso fazem pouco de...

Além de tudo o mais que temos enunciado em crónicas anteriores, a real Companhia dos Fósforos resolveu, mais uma vez, secundar a razão explorativa em que se empunham as suas congêneres da indústria, do comércio e finanças... Como os fósforos são baratinhos e o público a este respeito nada tem que dizer, entendeu a dita Companhia por bem desfilar os únicos explorativos iluminantes para se ressarcir dos prejuízos sofridos com a não fabricação dos fósforos de enxofre, a que era obrigada pelo contrato monárquico do monopólio...

Fez mais: para que o zé fiscal e antimonopolista desta república de pechique não sofra na sua moral dos belos tempos da oposição — a referida Companhia também julgou de boa utilidade pública falsificá-los na sua beaga...

E' mais fácil descobrir-se o motivo, do que encontrar-se uma caixa de fósforos com a respectiva quantidade estipulada no contrato; é mais fácil adquirir-se a lanterna de Diógenes, do que encontrar-se uma caixa cujos 'lumes' possuam o pavio do comprimento exigido pela lei e desempenhem a missão dum modo cabal, para que são manilados...

Que encaregam o tabaco, o misturem, o falsifiquem, o envenenem e, ainda por cima, exijam empentes fortes para o comprámos, vã lá: pode isso ser tomado à conta de um pratico protesto contra o vício, para bem da regeneração humana, para bem do reinvigoreimento da raça. Se os fósforos só fôssem utilizados para queimá-los, os cigarros e os charutos, ainda seria desculpável que para acender cada um daguerre produzidos de fumo tivessem de gastar uma caixa inteirinha, para o fim, para acendo, termos de ir pedir lume emprestado ao primeiro viandante que passasse, a felicidade do último fósforo de sua caixa não ter sido falsificado por engano...

Mas, com um milhão de raios! os fósforos tem uma lata função. Se não são destinados a lançar o fogo às Companhias do Tabaco e Fósforos refinadas, são-no, pelo menos, para acender o fogareiro, o fogão, o candeeiro, a vela, enfim: mil e uma coisas de utilidade doméstica e até industrial...

Mas, co's diablos! se nos roubassem o dinheiro e os fósforos, mas nos permitisse, num gesto digno de liberdade, o uso justo das ascendentes, ainda o condenável caso seria escapatório... Assim não pode ser! — dizem-nos nós, com a veemência.

Assim não devia ser! — diz o Zé Povinho, sempre lamuriente, penitente e com paciência de azémola... A Companhia sabe que se rosna, que tóda a cidade se queixa, que tóda a população é lesada. Mas como igualmente sabe que todo o consumidor é um papo agorda... vai-se rindo e redobrando de abuso, a pontos dos jornais locais abrirem pio, mas tam anêmico, tam fininho, tam sumido... que certamente a Companhia não cunhava, e se ouviu, julgou então que seria o chilro dum

ceram-lhe dos olhos. Cairam de joelhos, olhando para a profundidade dos vales, que a sombra invadia cada vez mais...

O sol tinha desaparecido; mas a lua, no seu decurso, ainda não desponhara...

Medeou, entre o pôr do sol e o nascer da lua, um espaço de tempo bastante grande, o que se tornou pungente para os dois esposos, como se estivessem à espera alguma grande desgraça!

— Repara, Albinik, disse em voz baixa Meroé ao esposo, posto que estivesses sósinhos, porque há momentos temíveis em que se deve falar em voz baixa até mesmo no meio dum deserto; repara..., nem, uma única luz!... naquelas casas... naquelas aldeias... naquela cidade... tudo são trevas... e tudo naquelas moradas parece tam tenesbroso como a propria noite...

Os habitantes daquela terra vão mostrar-se dignos de seus irmãos, respondeu Albinik. Também aqueles vão responder à voz dos nossos druidas veranados e à do chefe dos cem vales...

— Sim, pelo terror de que me sinto possuída, vejo que vamos presenciar uma coisa que ninguém viu até hoje..., e que ninguém verá, talvez mais tarde...

— Meroé, que avistas tu lá ao longe... muito ao longe... além do cume daquele bosque..., uma pequena claridade?...

— Avisto, sim... é a lua que não tardará em aparecer... Aproxima-se o momento... Sinto-me impressionada... Pobres mulheres!... Pobres crianças!...

— Pobres lavradores!... viviam há tantos anos felizes na terra de seus avós, naquela terra fecundada com o trabalho de tantas gerações... Pobres operários! que encontravam a abastança nas suas rudes profissões!... Oh! desgraçados! desgraçados!...

— Se alguma cousa tem paridade com o seu grande infortúnio... é o seu heroísmo!... Meroé!... Meroé!... exclamou Albinik, a lua desponha... Aquele astro sagrado da Gália será o sinal do sacrifício...

— Hesus!... Hesus!... respondeu a jovem, com as faces banhadas de lágrimas, a tua cólera nunca se aplacará, se este último sacrifício não te apaziguar...

A lua, tendo nascido radiante no meio das estrelas, inundava o espaço dum tam intensa claridade, que os dois esposos viam, como se fosse dia claro, os mais longínquos horizontes, e o país que se estendia a seus pés.

De repente, uma ligeira nuvem de fumo, ao princípio esbranquiçada, depois negra, e bem depressa semelhante aos clarões dum incêndio que se atea, elevou-se por cima dumas aldeias espalhadas pela planície.

— Hesus!... Hesus!... exclamou Meroé, escondendo o rosto no seio do esposo, que estava de joelhos junto dela, tu dizes a verdade; o astro sagrado da Gália deu o sinal de sacrifício que começa... .

— O' liberdade!... exclamou Albinik, santa liberdade!...

— E não pôde acabar... A sua voz extinguiu-se entre pranto, enquanto apertava nos braços a esposa banhada em lágrimas.

Meroé não permaneceu com o rosto escondido no seio de seu marido, mais tempo que seria preciso a uma mãe para beijar a fronte, a boca e os lábios de seu filho recém-nascido...

E quando Meroé levantou a cabeça, e se arriscou a olhar outra vez ao longe..., não era sómente uma casa, uma aldeia, um burgo ou uma cidade daquela longa série de vales que desapareciam nas ondas de negrejante fumo misturado com os sinistros clarões do incêndio que se ateia!

Eram tódas as casas..., tódas as aldeias..., todos os burgos..., tódas as cidades... daquela longa série de vales que o incêndio devorava...

Do norte ao meio dia, do oriente ao ocidente, tudo incêndio! Os próprios rios pareciam chamejar debaixo dos barcos carregados de cerais, de tonéis de vinho e de forragens, também abrasados, que se submergiam nas suas águas.

A noite decorreu, o dia também, e os dois esposos atravessaram todo o país incendiado, desde Vannes até à foz do Loire, da qual se aproximavam.

TEATROS

COMPANHIA DRAMÁTICA ITALIANA

"LA CASA SEGRETA" de Dario Niccodemi

Dario Niccodemi pôs mais uma vez à prova os seus grandes recursos de dramaturgo, na sua última produção "La Casa Segreta", que o público italiano ainda desconhece, mas que o público de Lisboa venturosoamente ficou conhecendo até que a companhia Rey Coração-Robles Monteiro a exiba em tradução o que é natural suceder já na futura temporada.

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

Para nós? Era preciso que pertencessemos, pelo menos, à firma Borges & Irmão...

No entanto, estamos quase no fim do monopólio dos fósforos: o quanto havia de ser?

Para os operários de os emendar ou substituir!...

Como, porém, tódas as leis são mortas, desde que salvaguardem os ironias dos interesses do público, nada daquilo se tem feito...

Para exclusivo interesse do gerente, compadre e Companhia? Pois claro: para quem havia de ser?

